

**“O fenômeno Roberta Close” e as “sexualidades periféricas”
no centro da cena público-midiática
Fortaleza, Ceará (1980)***

**Roberta Close’s phenomenon and the marginal sexualities in the
centre of the public-media scene - Fortaleza, Ceará (1980)**

Elias Ferreira Veras**

Resumo: Em maio de 1984 Roberta Close foi fotografada para a revista Playboy. As fotos de uma transexual nua, em uma revista masculina de circulação nacional, causaram uma comoção erótica no Brasil. Neste artigo, parto do “fenômeno Roberta Close”, como ficou conhecida a repercussão em torno da aparição da modelo na revista, para problematizar as “sexualidades periféricas” no centro da cena público-midiática em Fortaleza (CE), na década de 1980. Por meio da análise da Playboy e dos jornais O Povo e Diário do Nordeste, estes últimos produzidos na capital cearense, aponto que, o “fenômeno Roberta Close” contribuiu para reorganizar antigas noções acerca das experiências trans (travesti e transexual) na medida em que, através das controvérsias em torno de Roberta Close, a questão trans, e de modo geral, a homossexual, ultrapassou os espaços privados, temporários e periféricos do carnaval, teatro e boate, invadindo o centro da cena público-midiática.

Palavras-chave: experiências trans.; sexualidade; mídia

* As discussões presentes nesse texto compõem parte das reflexões realizadas no segundo capítulo da minha tese de doutorado. Cf: VERAS, Elias Ferreira. Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico. Tese (Doutorado em História Cultural), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015

** Doutor em História Cultural e professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/Assú); Pesquisador dos seguintes grupos de estudos-pesquisa: Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH-UFSC), Grupo de Pesquisas e Estudos em História e Gênero (GPEHG-UFC) e do Grupo de Estudos Independentes Michel Foucault (GEIMF). Contato: eliashistorias@yahoo.com.br

Abstract: In May of 1984 Roberta Close was photographed for Playboy Magazine. The photos of a transsexual naked in a male national magazine, caused an erotic commotion in Brazil. In this paper, I take “Roberta Close’s phenomenon”, as it is known the repercussion of the magazine, to problematize “marginal sexualities” in the centre of the public-media scene in the city of Fortaleza, Ceará, during the 1980s. Through the analysis of Playboy magazine and the newspapers O Povo and Diário do Nordeste (both produced in Fortaleza) I argue that “Roberta Close’s phenomenon” contributed to the reorganization of old ideas about the transsexual experience (transvestite and transsexual) in a way that, through the controversies caused by Roberta Close’s case, the transsexual and, in general, the homossexual issues were beyond the private spaces such as the seasonal and marginal carnival, theatre and night clubs - it invaded the nodal point of the public-media scene.

Keywords: transsexual experiences, sexuality, media

“O fenômeno Roberta Close”

Súbito, um fenômeno toma conta do Brasil. Ela está em todas as conversas, domina todos os papos. Nas capas das revistas, nas telas das tevês, nos jornais, nas mentes e nas bocas. Na boca do povo, principalmente. De repente, o maior e mais desejado objeto libidinal nacional, o tesão verde-amarelo é nada mais, nada menos, do que um homem. Ave, Roberta Close. Mudou a cabeça do homem brasileiro ou a mulher brasileira perdeu seu tradicional charme e veneno?¹

Uma nova personagem acabava de fazer seu aparecimento na paisagem imaginária do Brasil que se redemocratizava, e, nela, logo ocuparia lugar privilegiado:² era Roberta Close, então com 20 anos. Ainda que, desde 1981, a jovem já frequentasse as edições de carnaval da revista *Manchete*³, foi somente a partir do seu desnudamento na *Playboy*⁴, em 1984, que *La Close*, como a modelo era chamada na imprensa, tornou-se “fenômeno” midiático nacional.

As fotos⁵ de uma transsexual nua – enquanto Roberta começava a se afirmar como transsexual, grande parte dos meios de comunicação brasileiros a classificou como travesti – em uma revista masculina de circulação nacional direcionada a um público hétero-orientado causaram uma “comoção erótica” na nação. Como observou o médico e poeta de Fortaleza, Airton Monte, no *Diário do Nordeste*, um dos jornais mais importantes da capital cearense, “o fenômeno Roberta Close” estava em todas as conversas, dominava todos os

papos; podia ser visto nas capas das revistas, nas telas das tevês, nos jornais, principalmente, na “boca do povo”⁶.

A atenção de grande parte do público e dos meios de comunicação àquela edição nº 106 da *Playboy* (Fig. 01), que se esgotou das bancas em três dias,⁷ não esteve voltada somente para o ensaio de Lídia, coelhinha da capa; para as histórias de Zico, jogador brasileiro de futebol; ou para a reportagem sobre a peça *Oh! Calcutta!*, que “escandalizou o mundo”. Os/as leitores/as, dentre estes/as jornalistas, médicos/as e psiquiatras, que transformaram a imprensa em divã público, alimentaram especial curiosidade pelo “enigma chamado Roberta Close”⁸ e pelas imagens que “revelavam”, como prometia a *Playboy*, em sua capa, por que Roberta “confunde tanta gente”.

La Close abre seu ensaio na *Playboy* com um olhar enigmático e um sorriso de Monalisa (Fig.02).⁹ A imagem, em preto e branco, que ganha destaque de página inteira, parece sugerir mistério e romantismo. Na página seguinte, a jovem surge debruçada sobre uma cadeira, com os seios à mostra, usando apenas um sapato alto prateado e posando como *femme fatale*. O contraste entre as duas primeiras imagens não se encontra somente na pose ou na sugestão de uma feminilidade mais agressiva (no caso da segunda), mas, também, na própria fotografia, que, a partir da segunda imagem, passou a ser colorida.

Figura 01 - Capa da revista *Playboy* (1984).



Fonte: APR.

Figura 02 - Roberta Close, na *Playboy* (1984).



Fonte: APR

Na última imagem do ensaio, que invade toda a página, ápice do *strip tease* de Roberta, a modelo está em pé, de braços abertos e de pernas cruzadas (Fig.03). Roberta surge exibindo sua feminilidade, de acordo com *Playboy*, “quase perfeita”. Todavia, se, a partir da foto de *La Close* sobre a cadeira, a revista começou a cumprir a promessa feita na capa, ou seja, desvendar por que Roberta confundia tanta gente, o enigma em torno dela ao longo do ensaio foi estimulado mais do que revelado. Parte do público se questionou se Roberta era um homem, um homossexual, “um”¹⁰ travesti, “um” transexual ou uma mulher.

Figura 03 - Foto de *La Close*, que encerra seu ensaio na *Playboy* (1984).



Fonte: APR

Ao “trucar a neca”,¹¹ performatizando uma vagina, Roberta se apropriou, como estratégia de visibilidade e de inserção no gênero feminino que elegera para si, de códigos e gestos de produção da identidade da “mulher de verdade”. Desse modo, mostrou o quanto o gênero é performativo, sendo efeito da repetição das normas mediante as quais o masculino e o feminino são constituídos e diante das quais os sujeitos não podem descartar por vontade própria¹².

No texto que acompanhou o ensaio de *La Close*, os jornalistas Pedro Cavalcante e Ivo Cardozo escreveram que:

Raras pessoas provocam curiosidade tão intensa como Roberta Close, que, sendo como é, roubou o lugar das mulheres mais bonitas no último carnaval e anda atrapalhando completamente a cabeça de muitos homens deste país. Como é ela – que se define como uma pessoa transexual? “Uma moça fina e bem educada, que eu teria o maior prazer em convidar para casa, certa de que encantaria todos os meus amigos”, é a opinião da colunável carioca Noelza Guimarães. “Roberta é uma pessoa extremamente gentil e uma profissional de rara competência”, acrescenta

o produtor Guilherme Araújo. E Suzana de Moraes, filha do poeta e diplomata Vinicius de Moraes, [...] não deixa por menos: “Roberta é delicada e doce, uma grande artista, uma gracinha”.¹³

O psicanalista Eduardo Mascarenhas escreveu que Roberta era “simplesmente, um marco na história social do país. Na mesma direção, Monte argumentou no *Diário do Nordeste*, que a modelo podia ser alvo de muitas reações: “medo, espanto, admiração, desejo. Nunca de riso ou de nojo. Coisa inédita num país que ainda é o paraíso dos machões e a fortaleza do machismo”.¹⁴ O escritor cearense, Gilmar de Carvalho, por sua vez, escreveu no mesmo periódico:

Um traço interessante da personalidade dela é a tranquilidade, o não ter a necessidade de agredir para sobreviver. É como se o ego de Roberta estivesse protegido o suficiente para não precisar se expor aos gritos, para não precisar do arraso, do trejeito, da caricatura. Roberta Close é gente, é pessoa. Tudo o mais é pequeno demais e antigo demais.¹⁵

O ineditismo atribuído à *La Close*, que a transformou em “fenômeno”, “mito” e “marco social”, foi construído em oposição-associação à produção do sujeito travesti “marginal” e “perigoso” recorrente na produção midiática heteronormativa da época: Mascarenhas, por exemplo, argumentou que a modelo não despertava “ódio” e “agressividade” – permitindo a suposição de que, antes dela, as travestis despertavam tais reações; Monte escreveu que a modelo não era motivo de riso ou nojo – indício de que riso e nojo eram reações comuns associadas às travestis antes do surgimento de Roberta. Carvalho, por sua vez, foi enfático ao afirmar que Roberta era gente. Antes dela, o que as travestis seriam?

Ora, se, por um lado, o “fenômeno Roberta Close” é uma produção discursiva midiática da matriz heterossexual que tenta estabelecer a “verdade do gênero” em correspondência com a “verdade do sexo”, por outro as controvérsias em torno da modelo e as perguntas obstinadas sobre o “verdadeiro” sexo e gênero de *La Close*, transformaram a imprensa em divã público-midiático, possibilitando que assuntos, antes “envoltos em um amontoado de tabus e preconceitos”, como homossexualidade, “travestismo” e “transexualismo”, deixassem de ser comentados por “debaixo dos panos” para serem discutidos publicamente, tornando-se parte do cotidiano.

Nesse contexto, a repercussão midiática em torno de *La Close* não provocou apenas a confusão do gênero¹⁶, anunciando uma nova distinção ontológico-sexual entre homens e mulheres *bio* e *trans*,¹⁷ que fraturou o modelo dimórfico do sexo, surgido no século XVIII;¹⁸ rompeu, também, as fronteiras

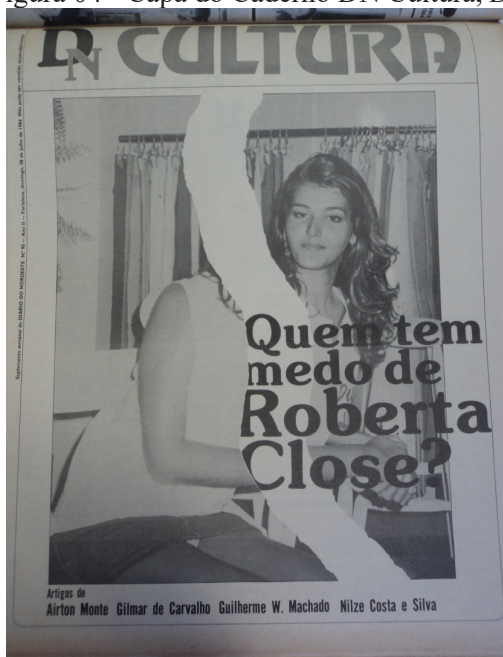
entre o público e o privado que marcavam as “sexualidades periféricas” – para empregar uma expressão do filósofo Michel Foucault¹⁹ –, até a passagem das décadas de 1970 para 1980, que denominei tempo das perucas e tempo dos hormônios-farmacopornográficos²⁰.

***La Close* e as “sexualidades periféricas” no centro da cena público-midiática.**

O ineditismo do “mito” Roberta Close e sua repercussão na imprensa de Fortaleza possibilitaram um debate nacional acerca do “universo” homossexual, travesti e transexual, contribuindo, desse modo, para a transformação de noções cristalizadas sobre corpo, identidade, sexo e gênero.

Em julho de 1984, por exemplo, a edição especial do caderno DN Cultura, do *Diário do Nordeste*, analisou o “fenômeno público o qual se tornou Roberta Close”. A edição foi ilustrada por uma imagem da modelo cortada ao meio, que parece sugerir uma divisão entre masculino e feminino e/ou uma separação entre alma (feminina) e corpo (masculino). A edição questionava: “Quem tem medo de Roberta Close?”²¹ O objetivo do caderno era analisar Roberta Close a partir da opinião de especialistas, como o psicanalista Guilherme W. Machado; o psiquiatra Airton Monte e os escritores Nilze Costa e Gilmar de Carvalho.

Figura 04 - Capa do Caderno DN Cultura, *Diário do Nordeste* (1984).



Fonte: Acervo BPGMP.

Airton Monte aproveitou a repercussão em torno de *La Close* para refletir sobre a homossexualidade, assunto que comentava nos jornais de Fortaleza com frequência. De acordo com o psiquiatra:

O que se quer dizer exatamente quando falamos de homossexualidade? Uma perturbação mental ou uma forma de comportamento? É consciente ou inconsciente? Um aspecto ontogenético universal do comportamento humano ou uma forma específica de psicopatologia? O resultado de conflitos familiares individuais ou o reflexo de fatores sócio-culturais mais amplos? É doença ou safadeza? É culpa do Ney Matogrosso? Ou do Zé Tatá?²²

Monte colocou na berlinda uma série de verdades estabelecidas sobre a homossexualidade. Em um texto irônico, em que misturou psicanálise com personagens gays em evidência nacional naquele momento, como Ney Matogrosso e Clodovil, o psiquiatra complexificou as “causas” das experiências homossexuais.

Segundo Monte, o homossexual era um indivíduo motivado, quando adulto, por uma atração erótica preferencial por pessoas do “mesmo sexo” e que, de um modo geral, “entrega-se às relações declaradas com elas”. Ora, ainda que Monte tenha interpretado a homossexualidade a partir do campo da psiquiatria, afirmou que esta não era uma doença, mas uma “tendência universal presente em todas as pessoas”. Sobre *La Close*, escreveu:

É de conhecimento geral que ele/ela próprio/a define-se não como homossexual, mas sente-se perfeitamente mulher. Afora, é claro, um pequeno e insignificante detalhe anatômico. [...] é certo que se pode definir, superficialmente, o indivíduo Roberta Close como homossexual. Poderemos também defini-lo como doente? Seria a homossexualidade uma doença? E se for pega? É contagiosa como a AIDS?²³

Monte produziu um ponto de vista inovador a respeito da homossexualidade e de Roberta Close. Ainda que suas análises, de certo modo, estivessem atravessadas pelos discursos de patologização das homossexualidades, presentes no pensamento médico-jurídico brasileiro desde o final do século XIX e reatualizados, na época em que Monte escreve, com a emergência da Aids,²⁴ o psiquiatra afirmou que a homossexualidade não era doença e que Roberta Close só poderia ser definida como homossexual “superficialmente”.

Desse modo, Monte empregou a palavra homossexualidade e não homossexualismo. Vale ressaltar, que, meses depois, o médico afirmou,

na imprensa, que “homossexualismo não é doença, é uma opção”.²⁵ A interpretação de Monte acompanhava as inovações da Organização Mundial de Saúde (OMS),²⁶ que, a partir de 17 de maio de 1990, deixou de considerar a homossexualidade uma “insanidade física ou mental”. Ao mesmo tempo, rompia com o discurso religioso-moral da Igreja Católica, que considerava a homossexualidade “antinatural”.

Além de criticar a patologização da homossexualidade e a homossexualização de *La Close*, Monte reconheceu que os homossexuais que buscaram o seu serviço o fizeram por causa de problemas resultantes “[...] de sua interação com uma sociedade hostil, ameaças legais, sociais ou econômicas ou pela sua incapacidade de aceitar a sua própria homossexualidade por causa de sua imagem depreciada perante seus próprios olhos e dos olhos do mundo em geral”.²⁷ Afinal, afirmou o psiquiatra, “da mesma forma que o subversivo político ameaça solapar as bases de um regime, o homossexual balança o valor da heterossexualidade. Tal simbolismo explica a atitude repressiva da sociedade com o homossexual”.²⁸

De acordo com Monte, a nossa cultura incentiva a heterossexualidade de “todas as maneiras possíveis” – Adrienne Rich²⁹ e Judith Butler³⁰ chamaram essa imposição de heterossexualidade compulsória –, sentindo-se, dessa forma (ou) dessa maneira, ameaçada pelo homossexual. “Homossexual, assumido de fato, não procura doutor. A vasta maioria dos homossexuais não procura e não deseja qualquer tipo de tratamento. Quanto mais de cura. Quem deseja curá-los e sem angústia com tal é a família e não a ‘bicha’ da família”.³¹

A reportagem “A medicina muda o sexo, mas a mente ainda é um problema”,³² publicada no jornal *O Povo*, de Fortaleza, também repercutia o “fenômeno” *La Close* na imprensa da cidade, contribuindo para a discussão do “transexualismo” na cena público-midiática da capital cearense. A matéria foi elaborada a partir dos depoimentos do cirurgião plástico Geraldo Sérgio Barbosa Teixeira, da psiquiatra Fátima Barroso e de alguns homossexuais de Fortaleza.

De acordo com Barbosa, “fazer a transformação de um homem em mulher é mais fácil do que transformar mulher em homem”. O “mais fácil” contido na sentença do cirurgião plástico foi acompanhado por uma ressalva: cirurgias “desse tipo” só deveriam ser feitas com “acompanhamento psiquiátrico”, sendo o “estado psicológico do paciente” e o apoio da família determinantes para o sucesso da transformação. Barroso, por sua vez, advertia que “após a cirurgia, o transformado poderá sucumbir ante fortes crises depressivas”, sendo “candidatos em potencial ao suicídio”.

Para o médico, as cirurgias de “mudança de sexo” eram mais indicadas para transexuais, definidos como aqueles que “possuem órgãos de um sexo, mas que tem a ‘cabeça’ de outro” e para hermafroditas, “aqueles que nascem com órgãos sexuais masculinos e femininos”. Tal intervenção cirúrgica deveria

ser realizada “de preferência nos primeiros anos de vida”.

Se, em torno de *La Close*, emergiram discursos de despatologização da homossexualidade, a transexualidade ganhava os holofotes sob o signo da patologização e da correção, senão da polícia, sempre atenta às travestis que se ocupavam os espaços públicos da cidade, mas da medicina. O “transexualismo” tornava-se novidade público-midiática através das lentes médico-psiquiatras.³³ A sua inclusão no Código Internacional de Doenças, em 1980, foi um marco nesse processo de definição da transexualidade como uma doença.³⁴

As reações e controvérsias suscitadas em torno de *La Close* revelam a produção das diferenças entre as categorias de identidade como parte de um processo histórico mais geral de segmentação e especificação das categorias sexuais e de distinção entre gênero e sexualidade. Como mostrou Jorge Leite Júnior, para que o termo transexual se tornasse uma categoria específica no Brasil, foi necessária sua diferenciação das categorias travesti e homossexual. Nessa divisão, enquanto transexuais seriam vistas como um “bom desviante”, pessoas com uma doença em busca de cura e representantes da verdadeira identidade de gênero, travestis seriam vistas como o “mau desviante”, relacionadas à marginalidade e à prostituição e como um feminino mal sucedido.³⁵

É necessário lembrar ainda, que o “fenômeno Roberta Close” imprimiu, outras imagens à representação público-midiática acerca da travesti. Antes da repercussão midiática em torno de *La Close*, o regime de visualidade acerca das experiências travestis era composto por duas séries de imagens. As fotografias coloridas de travestis nas fotorreportagens das revistas ilustradas e os retratos em preto e branco de travestis anônimas, flagradas nas delegacias quando presas, que ilustravam as seções policiais dos grandes jornais de Fortaleza. Tal produção imagética heteronormativa transformou a experiência travesti em sinônimo de disfarce e imitação. A novidade em torno de Roberta esteve justamente em confundir essa verdade visual colocando-a na cena público-midiática.

A colocação de Roberta como enigma a ser desvendado e a visibilidade das “sexualidades periféricas” no centro da cena público-midiática provocou fascínio, mas, também, estigma. Enquanto intelectuais como Monte e Carvalho aproveitavam as discussões em torno de *La Close* para fazer uma crítica à homossexualidade como doença, algumas jornalistas, como Regina Marshall, que assinava uma coluna social dominical no jornal *O Povo*, se apropriou do “fenômeno” *La Close* para criticar a visibilidade homossexual.

No texto intitulado “Geração Roberta Close”, Marshall manifestou seu temor a respeito da visibilidade daqueles que estavam se tornando, em sua opinião, a “grande maioria”: transformistas, “assumidos”, “enrustidos” e “outros do mesmo ramo”. Marshall acreditava que homossexuais e travestis deveriam permanecer confinadas aos espaços reservados e não “servindo

de exemplo” para o público jovem ou “promovendo e exteriorizando seus problemas”.

Afirmava a colunista que, diferentemente de alguns anos atrás, quando “o terceiro sexo era envolto em um amontoado de tabus e preconceitos, que, comentado por debaixo dos panos, ainda causava impacto e chocava até os mais ‘avançadinhos’”, a “Geração Roberta Close” estava “a todo vapor”, “proliferação vergonhosa da bicharada”, antes era restrita às profissões de cabeleireiros, costureiros e maquiladores agora, “tomou conta de todos os setores da sociedade”, “invadindo” teatros, cinemas, novelas, comerciais de televisão, o “alto soçaite (sic)” e o plenário do Legislativo.³⁶

Nas críticas da colunista Regina Marshall à Roberta Close e à visibilidade homossexual nos meios de comunicação, não estava em questão somente o fascínio em torno da modelo, mas a crescente visibilidade pública dela e de homossexuais e travestis na sociedade. Marshall reagia a um novo tempo, no qual o “confinamento dos homossexuais nos salões de beleza” foi tomado pela visibilidade do “terceiro sexo” e do “resto” em “todos os setores da sociedade”. O discurso presente nas colunas assinadas por Marshall revela que a visibilidade das “sexualidades periféricas” provocou não apenas fascínio, como, também, estigma.

Considerações finais

O “fenômeno Roberta Close” desnudou mais do que as lentes do fotógrafo J. R. Duran e as análises do psicanalista Eduardo Mascarenhas puderam revelar acerca de Roberta, comportamentos e sujeitos até então reservados aos espaços privados, sendo paradigmático da emergência de um novo tempo e subjetividade históricos, que em diálogo com Paul B. Preciado³⁷, chamei farmacopornográficos³⁸.

Como evento singular e imprevisível, a repercussão midiática em torno de Roberta Close contribuiu para o desnudamento das tecnologias do sexo, gênero e corpo, permitindo, ainda, que as experiências trans extrapolassem os espaços temporários do carnaval e/ou fechados dos teatros e boates.

Por meio de *La Close*, reorganizou-se antigas noções de público e de privado, uma vez que, através das controvérsias em torno do seu nome, a questão travesti e, de modo geral, a homossexual, ultrapassou, definitivamente, os espaços privados e temporários do tempo das perucas. *La Close* deixou ainda à mostra os discursos estigmatizantes escondidos sob o discurso de fascínio.

Desse modo, os significados e sentidos históricos do “fenômeno Roberta Close” ultrapassaram o indivíduo Roberta Close. Tal acontecimento está indissociado do suporte midiático que o produziu e o difundiu.

NOTAS

1 MONTE, Airton. Quem tem medo de Roberta Close?. *Diário do Nordeste*, DN Cultura, 8 jul. 1984, p. 4.

2 Paráfrase de Foucault: “Um objeto novo acaba de fazer seu aparecimento na paisagem imaginária da Renascença; e nela, logo ocupará lugar privilegiado: é a Nau dos Loucos, estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos”. FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 9.

3 *Manchete*, criada por Adolpho Bloch em 26 de abril de 1952, tornou-se a principal concorrente de *O Cruzeiro*. As duas revistas publicadas na cidade do Rio de Janeiro, recorriam à linguagem do fotojornalismo, incluindo em todos os números elaboradas fotorreportagens, tal como a *Life* e a *Paris Match* o faziam. ANDRADE, Ana Maria Ribeiro; CARDOSO, José Leandro Rocha. “Aconteceu, virou manchete”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.21, n. 41, p.243-264. 2001.

4 Lançada no Brasil em agosto de 1975, com o título *A Revista do Homem*, somente em 1978 passou a se chamar *Playboy – a revista do homem*. O nome revelava o parentesco da revista brasileira com a publicação norte-americana criada por Hugh Hefner, em 1953. Distribuída nacionalmente pela editora Abril, *Playboy* tinha o objetivo de ser uma “nova” revista para um “novo homem”, que se interessava por política, negócios, esporte, aventuras, ciência, arte, cinema, moda, literatura. Seu foco principal, porém, era a nudez feminina. Para o contexto histórico do lançamento da revista no Brasil, ver: NECKEL, Roselane. *Pública vida íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

5 As imagens da revista *Playboy* utilizadas nesse capítulo foram reproduzidas a partir do acervo pessoal de Rogéria, travesti de Fortaleza, que contribuiu significativamente como interlocutora da minha pesquisa. Utilizo a sigla APR (Acervo Pessoal de Rogéria) para identificar a “origem” dessas imagens.

6 MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

7 TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 310.

8 O maior enigma sensual do momento. *Playboy*, mai. 1984, p. 88.

9 Referência à famosa pintura do artista renascentista italiano Leonardo da Vinci.

10 Na maioria das fontes pesquisadas, o termo travesti aparece associado ao gênero gramatical masculino. Observa-se nos últimos anos, todavia, especialmente entre as travestis que militam no movimento trans (travestis e transexuais) e nos recentes estudos acadêmicos sobre esses sujeitos, a utilização do termo na flexão feminina. No primeiro caso, o emprego do termo no feminino acena para o processo de construção da feminilidade nos corpos e nas subjetividades trans, enquanto, no segundo, para o reconhecimento, entre os/as pesquisadores/as, da afirmação do gênero feminino como uma das principais reivindicações de travestis e de transexuais.

11 No glossário que acompanha seu trabalho sobre o Cine Jangada (Fortaleza) e as sociabilidades de travestis naquele cinema, especializado na exibição de filmes pornográficos, o antropólogo Alexandre Fleming C. Vale define truar e trucagem como “técnica corporal realizada pelas travestis com o propósito de invisibilização do volume do pênis sob a roupa, realizada a partir do uso de emplastro Sabiá ou calcinhas e shorts de lycra apertados”. VALE, Alexandre Fleming C. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 231.

12 BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

13 O maior enigma sensual do momento. *Playboy*, mai. 1984, p. 88.

14 MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

15 CARVALHO, Gilmar. Close to Roberta. *Diário do Nordeste*, DN Cultura, 8 jul. 1984, p. 5.

16 VERAS, op. cit., 2015.

17 Preciado utiliza as nomenclaturas *bio* e *trans* como estatutos de gênero tecnicamente produzidos. Conforme Preciado, os bio-homens e as bio-mulheres são aqueles que se identificam com o sexo que lhes foi designado no nascimento e, por outro, os trans-homens e as trans-mulheres são os que contestam tal designação e tentam modificá-la com ajuda de procedimentos técnicos, prostéticos, performativos ou legais. PRECIADO, 2008, p. 84.

18 LAQUEUR, op. cit., 2001.

19 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

20 VERAS, op. cit., 2015.

21 Quem tem medo de Roberta Close?. *Diário do Nordeste*, 8 jul. 1984, DN Cultura.

22 MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

23 Idem.

24 Na virada do século XIX para o XX, as práticas homoeróticas no Brasil, antes denominadas “libertinagem”, “sodomia”, “pederastia”, passaram a ser agrupadas pelo discurso médico-científico sob o termo “homossexualismo”. O novo conceito, introduzido na literatura médica da Europa, em 1870, pelo psiquiatra alemão C. F. O. Westphal, atravessou o Atlântico, se abrigou nos tratados médicos brasileiros e não demorou a constituir uma “nova espécie” também no Brasil. O livro *Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro*, publicado em 1906 pelo médico José Ricardo Pires de Almeida, revela a apropriação da categoria europeia nos trópicos, no mesmo momento em que os estudos da sexualidade despertavam fascinação, interesse e novas preocupações. O homossexual tornou-se uma personagem. Sua sexualidade deixou de ser interpretada apenas como “pecado habitual”, para virar marca de uma “natureza singular” “pervertida” e/ou “congénita”. Era portador de uma patologia, necessitava de cura. Nascia a medicina social, acompanhada das campanhas de higiene social (contra a sífilis e a prostituição). A partir dos anos de 1930 e 1940, à sombra do pensamento eugênico, proliferaram no país os diagnósticos das “perversões sexuais” e a medicalização dos desejos homossexuais, em íntima relação com a criminologia. Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro, autores das obras *Sexologia Forense* (1934) e *Homossexualismo e endocrinologia* (1938), são representantes das vertentes psiquiátrica e endócrina que buscaram explicar as origens da “inversão sexual”. Desses trabalhos, bem como os de outros médicos-juristas, emergiu um corpo homossexual “degenerado”, em desequilíbrio mental e hormonal, potencialmente perigoso. Aprimorava-se a busca pelo homossexual “nato”. Tal discurso foi reatualizado com a emergência da Aids, em meados da década de 1980. PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. Viver e Lutar. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 34-38, 1º ago. 2015.

25 Não muito distante daquele mês de julho de 1984, quando Monte analisou o mito *La Close* de modo despatologizado, uma reportagem sobre homossexualidade feminina, publicada no periódico de Fortaleza, *O Povo*, em 1983, trazia como título “Quando a cura é impossível”.

26 Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde retirou o “homossexualismo”

da lista de patologias relacionadas na Classificação Internacional de Doenças (CID). A partir de então, na data passou a ser celebrado o Dia Internacional contra a Homofobia.

27 MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

28 Idem.

29 RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, n. 5, p. 17-44, 2010. Tradução: Carlos Guilherme do Valle.

30 BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

31 MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

32 APARECIDA, Inês. A medicina muda o sexo, mas a mente ainda é um problema. *O Povo*, 4 jun. 1984, p. 17.

33 Berenice Bento e Larissa Pelúcia informam que os primeiros artigos que registraram e defenderam a especificidade do “fenômeno transexual” foram publicados na década de 1950. Desde o início daquela década, o endocrinologista Harry Benjamin já se dedicava a estabelecer as ocorrências que justificariam a diferenciação das pessoas transexuais em relação às homossexualidades. A relação de abjeção que as pessoas transexuais têm com as genitálias seria uma das frequências observadas nos seus discursos, observam as autoras. De acordo com as pesquisadoras, ainda que Benjamin tenha defendido a cirurgia de transgenitalização como a única alternativa terapêutica possível para as pessoas transexuais, ele também estabeleceu critérios “científicos” para que fosse possível diagnosticar “o verdadeiro transexual”. Em seu livro *O fenômeno transexual*, publicado em 1966, Benjamin forneceu as bases para esse diagnóstico. BENTO, Berenice; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, p. 569-581, 2012.

34 Nesse mesmo ano, a Associação de Psiquiatria Norte-Americana aprovou a terceira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, incluindo a transexualidade no rol dos “Transtornos de Identidade de Gênero”. Ibidem, p. 571.

35 No estudo sobre a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico, Jorge Leite Júnior desnuda a maneira como elas foram criadas e transformadas ao longo dos séculos, da Antiguidade à Contemporaneidade. Conforme o autor, as matrizes conceituais que fecundaram o solo sobre o qual hoje plantamos e colhemos novas ideias são efeitos da produção e da transformação discursiva sobre os corpos, os sexos e os gêneros com “origem” na Antiguidade, quando a figura do hermafrodita apareceu como indissociável da ideia do andrógino – junções do masculino e do feminino no mesmo corpo. Para uma análise histórico-sociológica das categorias transexual e travesti no discurso científico, ver: LEITE JÚNIOR, J. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo: Annablume, 2011.

36 MARSHALL, op. cit., 1984.

37 PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008; _____, *Pornotopia: arquitetura y sexualidad en Playboy durante la guerra fria*. Barcelona: Anagrama, 2010.

38 Para essa discussão, ver: VERAS, op. cit., 2015.

Artigo recebido em abril de 2016. Aceito em julho de 2016.